

A BOLA E A RUA

O Brasil sediará em 2014 a Copa do Mundo de Futebol. Tem sido praxe que esse grande torneio esportivo internacional seja precedido pela chamada Copa das Confederações, uma espécie de ensaio geral para a grande celebração do esporte mais amado na esfera terrestre. Assim deveria ter ocorrido em junho passado. Mas a festa não saiu conforme tinha sido programada!

O mês de junho de 2013 marcou o Brasil com muitas manifestações em centros urbanos de médio e de grande porte pelo país afora. Mesmo em lugares pouco habitados a população foi às ruas para protestar. Havia um clima de indignação e revolta que, a princípio, teve como motivo o aumento da passagem do transporte coletivo em uma grande capital brasileira, mas que aumentou sua pauta de reivindicações para os temas da saúde, da educação, da segurança pública, da corrupção dos políticos. A população mostrou-se escandalizada diante de gastos enormes com a Copa do Mundo e a situação indigna em que vive grande parte de brasileiros.

O motivo inicial dos protestos denunciava senão o descaso pelo menos a precariedade com que a questão da mobilidade urbana tem sido tratada no Brasil. Milhões de brasileiros se veem todos os dias numa situação de superlotação nos meios públicos de transporte. Mesmo os proprietários de veículos particulares têm de se entregar ao estresse de um trânsito cada vez mais caótico e caracterizado pela violência. Havia algo latente que veio com força à tona. Exigia-se tratamento digno para a população no mesmo padrão com que a organização internacional de futebol obriga a construção dos estágios e demais obras ligadas à Copa do Mundo.

Há que notar outro elemento: como em outras recentes e grandes manifestações de protesto internacionais e também brasileiras, praticamente toda a mobilização foi articulada através das chamadas novas mídias, as quais se caracterizam pela interação

entre seus usuários. Vemo-nos, pois, diante de um novo agente e operador das nossas decisões. A velha mídia, com suas estratégias de formação de consenso e opinião, vê-se obrigada a repensar seus métodos e não pode mais considerar-se a única capaz de movimentar multidões. Há algo novo nascendo em vista da mobilização das pessoas. O mundo virtual pode ser ferramenta para transformações sociais.

Passemos, ora, a apresentar este número de nossa revista.

O artigo "O cânon vicentino e a tradição católica" abre a seção de artigos THEO do presente número de *Pensar-Revista Eletrônica da FAJE*, assinado por Cynthia Dias Rayol, mestranda do programa de pós-graduação em teologia da FAJE. A autora reflete sobre a concepção de Igreja de Vicente de Lérins, autor cristão do V século, o qual compreende a Igreja a partir dos princípios hermenêuticos do progresso e do desenvolvimento. Salienta-se a atualidade deste pai da Igreja para os tempos atuais e como seus princípios hermenêuticos tiveram recepção no Concílio Vaticano II.

O artigo seguinte é assinado pelo doutorando em teologia Jorge Luiz Gray Gomes. Seu título "Entrelaçamento ou distanciamento da fé, religião e "religiosidades": uma abordagem a partir de Libanio" nos coloca em diálogo com a reflexão do conhecido teólogo brasileiro João Batista Libanio, professor emérito do Departamento de Teologia da FAJE.

O artigo de Jerry de Sousa Fonseca — cujo título "Fé e seguimento: as grandes linhas do discipulado cristão em Mt 5-7" — traz uma leitura atualizada do assim chamando *Sermão da montanha*, relacionando-o com os temas do discipulado e do seguimento, tão atuais na hodierna teologia da práxis cristã.

A seção de artigos PHILO abre-se com o texto de Frederico Soares de Almeida, estudante do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da FAJE. Em "A passagem da fenomenologia para a hermenêutica filosófica no pensamento de Paul Ricoeur", o autor acena para a transição realizada por Ricoeur da fenomenologia à hermenêutica, sublinhando que tal passagem foi possível pelo esforço ricoeuriano de pensar o problema do mal, culminando na reflexão sobre os símbolos e os mitos. Convém observar que, neste centenário de nascimento Paul Ricœur, nossa revista se alegra em contribuir com mais um texto a celebrar esta efeméride.

Os próximos dois artigos — “A passagem da universalidade *nomotética* à universalidade *hipotética*” e “*A Antropologia Filosófica* de Henrique Vaz como resposta ao determinismo da psicologia moderna” — tiveram sua origem como comunicações apresentadas no contexto do VI COLÓQUIO VAZIANO, atividade acadêmica coordenada e executada pelo Grupo de Estudos Vazianos (GEVAZ), grupo de pesquisa que, desde 2007, vem trabalhando no sentido de aprofundar o estudo sobre o pensamento do grande filósofo brasileiro que foi Henrique Cláudio de Lima Vaz. Neste ano, o colóquio realizado em maio abordou o tema “Ética e razão moderna em Lima Vaz”. No primeiro desses artigos, a mestrandia em Filosofia da FAJE, Maria Lourdes do Nascimento, trata de um aspecto importante da proposta de fundamentação ética do filósofo ouro-pretano: a universalidade *nomotética*, que supera a universalidade *hipotética*. No segundo artigo, Gabriel Almeida Assumpção afirma a ideia vaziana de que a ética precisa de uma fundamentação metafísica, ao acentuar o papel da liberdade e da razão na moral, como marcas da complexidade e dinamismo do ser humano, sugerindo que isso foi esquecido pela psicologia moderna.

Concluimos a sessão de artigos PHILO com o texto de Davi Mendes Caixeta sobre Epistemologia ou Teoria do Conhecimento, cujo título assim se apresenta: “O eterno desafio do conhecimento”. O bolsista do nosso programa institucional de iniciação científica traz importantes questões dessa disciplina, incitando-nos à reflexão.

Por fim, este número de nossa revista eletrônica se encerra com uma nova seção — **Notícia** —, aprovada na última reunião do conselho editorial e que fará parte das seções secundárias de nossa revista. O objetivo desta nova seção consiste em compartilhar com nosso público alguma atividade acadêmica da FAJE. No caso, trazemos as palavras com as quais o Reitor da FAJE abriu nosso simpósio filosófico-teológico transcorrido entre os dias 2 e 4 de outubro deste ano, cujo tema foi “Secularização, Religião e Sociedade”. Transparecem nas palavras do nosso Reitor muitos aspectos de nossa identidade institucional no cenário acadêmico brasileiro.

No próximo ano, os membros do nosso conselho editorial deverão se renovar, pois os dois conselheiros estudantes dos nossos Programas de Pós-Graduação em Filosofia e Teologia estão em fase de conclusão de vinculação acadêmica com a FAJE. Agradecemos o

mestrando em Filosofia Marco Antônio Barros Guimarães pelo tempo dedicado à nossa revista eletrônica e damos as boas-vindas à mestranda Caroline Ferreira Fernandes por ter aceitado o convite de participar do nosso conselho editorial a partir de 2014.

As chamadas jornadas de junho demonstraram o desejo que as pessoas — principalmente os jovens — têm de participar ativamente dos processos políticos. Este é um dado positivo e esperançoso em meio a suspeitas dentre os intelectuais de que estejamos entregues ao império do individualismo. A população na rua é sinal de democracia e de luta pela liberdade, como bem cantou o poeta Castro Alves: “A praça é do povo, como o céu é do condor”. Permitam-me compartilhar um fato ilustrativo do clima das reivindicações: uma jovem foi a uma loja do bairro onde mora e perguntou se ali havia cartazes a venda, que ela iria participar de uma manifestação e queria levar um cartaz. Alguém, presenciando a cena, percebeu o equívoco: não havia cartazes a venda, a própria jovem deveria confeccionar seu cartaz. Mas era mais simples comprar um já pronto. Daí que nos cabe torcer pelo progresso e crescimento na democracia e na liberdade entre nós e que a ida do povo à rua se mostre ocasião para isso.

Boa leitura!

Delmar Cardoso
Editor